

de Chapecó", 1959-1984, "Celebrando juntos nossa Caminhada", publicado pelo Secretariado Diocesano de Pastoral, Chapecó, SC, pg. 11.

³¹ A sequência dos dados deste item é tirada do polígrafo que o Secretariado Diocesano de Pastoral utiliza em seus encontros anuais para Agentes Novos da Diocese.

³² Para outros informes sobre esse assunto, ver texto de A.M. TEDESCO e Ivo Pedro ORO "Novos rumos da Igreja Diocesana: os Conselhos de Pastoral", Secretariado Diocesano de Pastoral, 1989, arquivo.

Endereço do Autor:

Casa Paroquial
Caixa Postal 68
89900-000 SÃO MIGUEL DO OESTE, SC

Igreja em Santa Catarina

Lembranças do Padre Roberto

Homenagem aos 90 anos de vida do Côn. Roberto Wyrobeck

Elmar Joenck
Professor na PUC-Curitiba, PR

A

pedido de familiares¹, escrevo algumas lembranças religiosas da infância e adolescência, de perto de 50 anos atrás, quando ele era "o Padre", "o Vigário", da então enorme paróquia de São Pedro de Alcântara, como ministro de todos os sacramentos, sendo

Papa, na época, Pio XII.

Batizados, após as missas, com palmadinhas de carinho, no nenê e nos padrinhos. Mais tarde, após a "dieta", dava bênção às mães, com os nenês no colo, um por um, uma por uma. As crismas eram quase só na Matriz, quando vinha o Arcebispo, com pompa e foguetórios e... mais um par de padrinhos.

As confissões eram preparadas pelo questionário do "Texto" (da "Cecília"). Ai, ai, ai, aquelas perguntinhas do Padre... só terminando com as "penitências" de oração a rezar vezes tantas. Sabia-se que os mais idosos confessavam-se em alemão. Só bem mais tarde vim a saber que a alma dele era da Polônia e o coração, do Brasil.

Após o terceiro sinal do sino, todos deviam entrar na igreja. Quem se deixasse ficar por fora, fumando ou namorando... podia ser surpreendido pelo

Padre Roberto, já vestido de alva, com enérgico convite para entrar... Respeito máximo exigia-se durante a Missa. Empurrões ou palavrinhas, nem pensar... Sempre que o Padre se virava para o povo (ao *Dominus vobiscum*), em penetrante relance ele conferia a piedade dos adultos, dos jovens e dos anjinhos... Hora de Comunhão (com o Coro cantando) era um campeonato de seriedade, nas filas, nas genuflexões coletivas, no pôr as mãos por debaixo das rendas do Banco da Comunhão, que separava a nave do altar.

Quando faltava espaço nos bancos da frente (simples genuflexórios), a criançada se arranjava ao redor do altar, ajoelhada ou sentada no chão, atenta a todos os gestos e latins do Padre - com licença nunca contestada de dali ficar olhando a igreja toda, os cantores do Coro lá em cima ou alguma andorinha intronizada sempre capaz de "bombardeios" - espetáculo especialmente freqüente na matriz da São Pedro, onde o sermão vinha lá do alto do púlpito, pelo "alto-falante" exclusivo da boca e dos olhares panorâmicos do Vigário.

Cá e lá os coroinhas eram brindados com gorjetas de moedas, quase sempre e logo trocadas por balas ou, em São

*"O sermão vinha lá
do alto do púlpito,
pelo 'alto-falante'
exclusivo da boca
e dos olhares
panorâmicos do
Vigário"*

Pedro, por picolés. Alguns coroinhas, de tanto repetirem frases decoradas em latim sem saber o que diziam, iam aprender latim nos Seminários. Entretanto, é bom lembrar que nem todo padre foi coroinha quando guri, como nem todo guri vira seminarista, tal como nem todo seminarista fica padre.

Para a bênção dos enfermos, então chamada "Extrema Unção", o Padre ia de aranha, a cavalo, e até a pé. Aos sepultamentos ele presidia, geralmente só na Matriz. Nas capelas, o capelão (sacristão ou catequista) e os coveiros se uniam à comunidade para consolar órfãos, viúvos ou parentes de quem era o mais recente chamado por Deus. E à beira do túmulo se rezava um Pai-nosso e uma Ave-Maria "por aquele que, dentre nós, Deus chamar por primeiro"... O sino da igreja ou capela anunciava o falecimento a todos os vales e montes, com toque especial, pois só ao ouvi-lo já se sabia se o "chamado" era uma criança, um jovem ou um adulto.

Horários e local da "doutrina para os Noivos" eram muitas vezes parte dos avisos paroquiais, tal como os dias de visita às capelas ou a chegada de mais um dia 22 do mês. Ah, os dias 22 de cada mês, por cerca de dez anos, foram como que dias santos de guarda em honra ao Imaculado Coração de Maria, dos quais, hoje, em São Pedro, a imagem dEla é piedosa lembrança. Largavam-se, pois, serviços de lavoura (mais ou menos entre 1945 e 1953), nos dias 22 para, bem cedinho, e quase sempre a pé, peregrinar-se até São Pedro, rezando-se o terço, confessando-se e comungando "pela conversão dos pecadores e da Rússia, e pela paz no mundo", tudo perpassado de penitências e bênçãos divinas anunciadas em Fátima.

Ministro dos sete sacramentos e de todos os sacramentais, Padre Roberto sempre dirigiu seu rebanho de dedo em riste, lembrando, explicando e justificando cada um dos Dez Mandamentos, no púlpito e na "doutrina" para as crianças. Para as visitas às capelas (geralmente dois dias a cada quarenta dias), lá vinha ele, de aranha, a cavalo, de motocicleta ou de fordeco barulhento, aguardado e recepcionado como representante de Deus.

Antes de conferir as sabenças do catecismo (decorado), costumava agitar bem a criançada em redor da igreja (e até morro abaixo), correndo atrás de alguém, ameaçando bater com a vara a quem lhe chegasse perto e não saísse em disparada. Resultado: logo depois, dentro da igreja, sem mais energia para bagunças, todo mundo "descansava" o espírito, atento às preleções.

De ano velho em ano novo ("Deus Eterno, a vós louvor!"), de Missas do Galo em Missas e procissões do alvorecer de Páscoa, de Quaresmas em Quaresmas, passando por casamentos, missões, primeiras comunhões e festas de igrejas (com bailes não recomendados), por anos e anos, inesquecível Padre Roberto, o Sr. marcou gerações e gerações, em diversas

paróquias, com os dons, os dotes sagrados do Cristo, Rei e Redentor, como sacerdote.

Impressionava-me a solenidade da Bênção do Santíssimo, com o canto do *Tantum Ergo* e o tocante retinir das campainhas. Após a Bênção, rezavam-se os "benditos": "Bendito seja Deus! Bendito seja o seu santo Nome!..." E se concluía com a prece: "Deus e Senhor nosso, protegi a vossa Igreja, dai-lhe santos pastores e dignos ministros... Dai ao povo brasileiro paz constante e prosperidade completa..."

Impressionante também, por que era solene, o início das Missas de domingo em São Pedro: enquanto o Coro cantava o *Asperges Me* e um coroinha, ladeando o Padre, alçava-lhe a capa "de Asperges" - a gente torcia para ser atingido em cheio com fortes respingos de água benta... espantadores de toda maldade...

"São Miguel Arcanjo, protegi-nos no combate; defendei-nos contra os embustes e ciladas do Demônio..." Com tais e outros esconjuros concluía-se a Missa, isto é, com as orações ordenadas pelo papa Leão XIII, e que continuavam com a invocação: "Deus, refúgio e fortaleza nossa, atendei propício aos clamores de vosso povo..."

Na igreja de Santa Filomena (quando era lá no alto), havia, no "fundo", na parede direita logo após a entrada, um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Um dia, durante a doutrina, Padre Roberto explicou a origem daquela imagem, história cuja lembrança confere com o que mais tarde li a respeito. Sim, sim, as histórias que ele sabia contar e dramatizar... E as maneiras especiais de explicar o "Creio em Deus-Padre", a Fé, os Mandamentos, e até os "Dogmas de Fé", como o da Santíssima Trindade.

"Mais certo que a chuva cai do céu, minhas crianças, mais certo que existimos eu, vocês e esta igreja, mais certo que o rio Maruim corre para o mar... é certo que aqui neste tabernáculo, hoje, no Santíssimo Sacramento do Altar, está vivo como no céu, está entre nós Jesus Cristo, Nosso Senhor, nosso Deus e Salvador!" E emendando, fazia a igreja toda vibrar com as crianças cantando: "Bendito, louvado seja..."

Com estes louvores, com o brado de Fé desse canto, vou encerrando estas "algumas lembranças" deste *sacerdote* (dom sagrado, dom de Deus) que, lá da Polônia, veio entre nós viver, entre várias gerações, em várias paróquias, em tantas capelas e co-

*"Por anos e anos,
inesquecível Padre
Roberto, o Sr.
marcou gerações
e gerações"*

munidades, como luz de Cristo em Santa Catarina, até a já avançada e veneranda idade de 90 anos.

Seja e fique para sempre bendito e lembrado por todos aqueles sobre quem, abençoando, ele traçou um dia o santo sinal da Cruz do Cristo Redentor.

NOTA

¹ Pela família de Zacharias e Ida Kuhn Joenck

Igreja em Santa Catarina

in memoriam

Dom Gregório Warmeling 1918-1997 Uma vida para Cristo

Menos de um mês após o falecimento de Dom Luís Colussi, bispo de Caçador, a Igreja de Santa Catarina foi atingida pela perda de mais um bispo: DOM GREGÓRIO WARMELING, bispo emérito de Joinville, falecido no dia 3 de janeiro p.p. Seu corpo descansa na cripta da majestosa Catedral de São Francisco Xavier, cuja construção ele iniciou e levou a bom termo, no decorrer do seu longo episcopado.

Nascido aos 17 de abril de 1918, em São Ludgero, no sul do Estado, Dom Gregório foi seminarista em Azambuja, Brusque, onde entre os anos de 1930 e 35 fez o curso de 2o. grau e iniciou a Filosofia. Completou a Filosofia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde também fez o curso de Teologia.

Sua ordenação presbiteral deu-se em Florianópolis, no dia 4 de setembro de 1943. Após alguns meses como vigário paroquial em Itrajai, Dom Gregório foi para o Seminário de Azambuja como professor, regente do Coro, e Diretor espiritual, de 1944 a

"Dom Gregório mostrou-se fiel ao lema que escolheu: Mihi vivere Christus - Para mim, viver é Cristo!"

46. Impressionou seus alunos pela convicção, firmeza, entusiasmo, criatividade. Em 1947 foi transferido para Criciúma, como vigário paroquial, e em 1948 para Laguna, onde foi pároco até 1957, sendo então

surpreendido pela eleição para o episcopado e pela designação para bispo de Joinville. O início de seu ministério episcopal em Joinville deu-se aos 21 de julho de 1957, quando marcou o discurso de posse com o refrão insistentemente repetido: *Joinville não falha!* E mostrou-se fiel ao lema que escolheu: *Mihi vivere Christus - Para mim, viver é Cristo!*

Entre os inúmeros encargos assumidos, Dom Gregório foi responsável pela Pastoral do Ecumenismo do Regional Sul IV da CNBB, e presidiu o Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa (CIER), por mais de 25 anos. Participou de todas as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 1962 a 65, devotando todas as suas energias para implementá-lo em sua diocese e no Estado.

Expressando a nossa saudade e as nossas despedidas, transcrevemos o texto seguinte, redigido por Dom Orlando Brandes, que sucedeu a Dom Gregório na sé de Joinville:

ADEUS, DOM GREGÓRIO

*dom Orlando Brandes
Bispo de Joinville*

Seu último dia completo entre nós, 2 de janeiro, foi exatamente o dia de São Gregório Nazianzeno, e data também do nascimento de Santa Teresinha do Menino Jeus, neste primeiro centenário de sua morte (1897-1997). São Gregório e Santa Teresinha retratam bem a personalidade do nosso bispo DOM GREGÓRIO: majestoso e simples, fascinante e afe-

tuoso, solene e aconchegante, nobre e pobre, sério e sorridente, exigente e afável.

Os que estiveram ao lado de Dom Gregório nestes últimos tempos, testemunharam a fé e a espiritualidade com que ele soube aceitar partir. Uma de suas últimas frases: "O humano deve seguir a rota do divino". Ou seja, aceitar partir.

Lembrar Dom Gregório é recordar uma personalidade original e dinâmica, na vida, na doença e na morte. Foi original durante o desenvolvimento da doença, porque queria saber ao pé da letra a sua situação. Não temia dizer abertamente: "Eu tenho câncer". Seu lema de enfermo canceroso era: "Seja o que Deus quiser". É uma versão gregoriana do "Faça-se" de Jesus no horto das Oliveiras. Foi original também ao morrer, porque prescreveu como queria estar no caixão, as vestes etc. Dizia aos presentes, antes de expirar: "Meu velório já começou". E ainda: "Não vou morrer de câncer, mas de falta de ar".

Num dos diálogos no hospital, dizia: "Dom Orlando, tudo é nada, sinto-me como uma folha seca, levada pelo vento. Sou apenas uma folha seca". Eu lhe respondi: "Parabéns, Dom Gregório, por sentir-se assim tão livre e tão disponível nas mãos de Deus". Mandava muitos recados aos que oravam por ele: "Rezem para que eu aceite minha situação. Quero ser fiel".

Dom Gregório era "um devoto da humanidade". Sim, em nome de Deus, era um bispo entusiasmado pela causa dos homens. Sua teologia era uma reflexão antropocêntrica. Suas reflexões iniciavam com o átomo e iam até o Cristo Cósmico. Tudo evolui, tudo se transforma, tudo avança para mais vida, segundo o pensamento gregoriano.

Sem dúvida, amou Joinville, a ponto de sempre repetir: "Joinville não falha". Era o jeito gregoriano de animar, de olhar para frente, ser profeta da esperança, colaborar na construção da cidade terrena. É preciso sempre caminhar.

Deixou-nos a herança de uma Igreja profética, ministerial, ecumênica, catequética, missionária e

aberta, por que não, progressista. Joinville brilhou na experiência da evangelização. Além desta herança eclesial, criou 45 paróquias, o Centro Shalom de formação, o Seminário Menor e de Teologia, a majestosa Catedral, a Casa de Retiros "Monsenhor Sebastião Scarzello", o Secretariado de Pastoral, o manual de Catequese da Crisma, já na 26a. edição.

Esta é a riqueza que Dom Gregório nos legou, tudo em favor do povo de Deus. Devo, em nome da verdade, dizer que Dom Gregório nunca foi um rico, um marajá, um milionário. O que ele fez foi mendigar ajudas para construir a Catedral, os Seminários, os Centros de Formação e o Secretariado de Pastoral. Que o bispo caluniado nos perdoe pela imagem falsa que dele alguns lançaram na cidade. Trata-se, porém, de uma inverdade e uma calúnia.

Agradecidos pelos longos e árduos anos de trabalho na região norte e no Regional Sul IV, despedimo-nos do Bispo Emérito, na esperança do face a face na casa do Pai.

Adeus, Dom Gregório: maestro, professor, diretor espiritual, pároco, pastor, líder, presidente do CIER, animador dos grupos de reflexão, incentivador da pastoral social, promotor da transformação social, profeta, comunicador, pregador, cantor, humorista, folclórico, joinvilense, batalhador, progressista, arrojado, fiel e, acima de tudo, humano. Adeus.

"Deixou-nos a herança de uma Igreja profética, ministerial, ecumênica, catequética, missionária e aberta, por que não, progressista"

Prezado Ex-aluno (a) e/ou Ex-professor

Aproximando-se a data dos 25 anos do ITESC, estamos preparando um número especial da nossa revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, para comemorar a data. *Recordar é viver. E a história é mestra da vida.* Por isso, para escrevermos esta história de 25 anos, pensamos em pedir-lhe um depoimento escrito sobre o Instituto, a partir de sua experiência como aluno (a) e/ou professor (a) aqui e, desde então, como ex-aluno (a) e/ou ex-professor (a):

1. no que a formação aqui recebida ajudou para sua realização pessoal;
2. o que poderia/deveria ser melhor;
3. alguma lembrança pitoresca, alguma das lutas e ideais da sua época;
4. comentário sobre as aulas, a vida comunitária, os ideais de então e a realidade depois, etc;
5. algo sobre sua história pessoal, seu ministério, realizações, publicações, esperanças.

Aguardamos a sua colaboração, que desejaríamos nos fosse remetida, no mais tardar, até **30 de agosto**.

Atecidamente, agradecemos

A Direção do ITESC